



Evento: XXX Jornada de Pesquisa

A ÉTICA DO VÍNCULO EM CENA: UMA ANÁLISE DA PRÁXIS EDUCATIVA NO FILME *LEO*¹

Daiane Luiza Lopes², Vânia Lisa Fischer Cossetin³.

¹ Pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação nas Ciências da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí).

² Estudante do curso de Mestrado em Educação nas Ciências da Unijuí. Bolsista CAPES/PROSUC.

³ Doutora e Mestre em Filosofia pela PUC-RS. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da Unijuí.

Introdução/Objetivos

A educação contemporânea enfrenta o desafio de sustentar uma práxis que ultrapasse a aplicação de técnicas e normas, especialmente diante de subjetividades marcadas pela fragmentação dos vínculos e pelo enfraquecimento da autoridade adulta. Nesse contexto, produtos culturais como o filme “Leo” (2023), ainda que destinados ao público infantil, podem funcionar como dispositivos simbólicos que permitem pensar a educação para além do óbvio.

A narrativa do filme apresenta uma trama em que ganham cena os conflitos próprios da infância na passagem para a puberdade e que se dão a ver, tanto na convivência entre as crianças com seus pares, como na relação com os adultos. Neste último caso, a vulnerabilidade de ambos emerge em meio à convivência, inclusive em contextos de escuta e troca de afetos e cuidados, elementos centrais desta relação e que tenciona concepções tradicionais de autoridade e de ensino. Ao adotar uma perspectiva psicanalítica, esta análise propõe-se a discutir os deslocamentos subjetivos que ocorrem na experiência educativa quando esta é atravessada pela ética do cuidado, pela escuta e pela abertura ao inusitado, características essenciais da práxis, conforme diferenciada por Imbert (2001). A escolha do filme como objeto de análise justifica-se justamente por sua capacidade de metaforizar os impasses da educação atual e de figurar, de maneira sensível, a complexidade da tarefa de educar naquilo que recai, mormente, sobre o adulto. Com isso, objetiva-se analisar o filme *Leo* (2023), como um dispositivo simbólico da práxis educativa, articulando elementos da



teoria psicanalítica à reflexão sobre a escuta, o vínculo e a autoridade na experiência educacional contemporânea.

Metodologia

O presente texto emerge dos estudos e discussões encetados nos encontros do grupo de estudos “Ágora: Interfaces entre filosofia, educação e psicanálise”, coordenado pela professora Vânia Lisa Fischer Cossetin e vinculado ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação nas Ciências da UNIJUÍ. Esta pesquisa é de natureza qualitativa, de caráter teórico-analítico, e utiliza como referência de análise o filme *Leo* (2023), uma animação voltada ao público infantil que é dirigido por Robert Marianetti, Robert Smigel e David Wachtenheim. A possibilidade que sua análise emerge para pensar as questões éticas e subjetivas inerentes à práxis educativa, desde a interface da psicanálise e educação. Especialmente a partir de autores como Freud (1925), Imbert (2001) e Arendt (2016), cujas contribuições possibilitam uma leitura do ato educativo como experiência marcada pela alteridade, pela escuta e pela incompletude.

Resultados e Discussão

O filme narra a trajetória de Leo, um tuatara, uma espécie de lagarto, de 74 anos que, após décadas vivendo dentro de um terrário permanentemente conservado em uma sala de 5º ano do Ensino Fundamental, confronta-se com a sua idade avançada e a iminência da própria morte, por conseguinte com o sentimento de não ter realizado seu sonho de conhecer os Everglades¹. Quando, diante da proposição de uma professora substituta que busca engajar a turma, passa a ser levado para a casa pelos alunos em dias alternados. Nesta dinâmica, Leo se depara com uma experiência inesperada: escutar as angústias e sofrimentos das crianças. Essa criança, que inicialmente fala a um ser que “não a escuta”, surpreende-se quando repentinamente Leo passa a falar, ao falar, indica que estava a escutá-la, a compreendê-la e, num gesto de cuidado e cumplicidade, se autoriza a aconselhá-la. Neste enlace marcado pela

¹ Localizado nos Estados Unidos da América, o Everglades é um parque nacional que contém a maior área de vegetação subtropical selvagem do país. Criado em 1947, o parque protege aproximadamente 600 mil hectares de pântanos, florestas e ecossistemas marinhos, preservando a flora e a fauna nativas (United States, 2025).



confidencialidade, opera um gesto clínico e educativo, que não pretende curar, tratar, direcionar a criança, mas dar-lhe lugar e vez ao seu sofrer, dúvidas, angústias, medos, desejos. A relação com cada uma das crianças, construída em segredo e com a generosidade adulta para a acolhida, revela a dimensão ética do cuidado e do vínculo aí em jogo.

A professora substituta, Virginia Malkin, é apresentada inicialmente como uma caricatura da autoridade dura e insensível. Com o avançar da narrativa, revela-se uma mulher ferida pela ausência de reconhecimento profissional. Na oportunidade de também ser escutada por Leo, se transforma: aprende que educar vai além de aplicar regras e encaminhar atividades e afazeres, mas exige o risco do vínculo, da exposição e da admissão da própria vulnerabilidade. A trajetória da professora Virginia evidencia a possibilidade de transformação subjetiva na relação com o outro, a ponto de sua dureza ceder lugar à implicação afetiva pela escuta recíproca, mostrando que a autoridade adulta não se sustenta na imposição, mas na presença ética que arrisca a entrega destemida ao laço afetivo com o outro e o reconhecimento da própria incompletude. A autoridade, nestes termos, não se confunde com o poder coercitivo ou com a violência, e nem se reduz à simples obediência imposta por uma força externa. Pelo contrário, baseia-se no consenso e no reconhecimento voluntário da legitimidade de quem a exerce, sem a necessidade de coação (Arendt, 2016).

Leo e as crianças atravessam juntos uma experiência de aventura, de risco, de perdas, oportunidades de reparo e de reconciliação, indicando que os vínculos se constroem também a partir do equívoco e da possibilidade de retratação. Ao final, Leo descobre que sua expectativa de vida era maior do que imaginava, e a professora, antes rejeitada, passa a assumir um novo lugar, mais reflexivo naquilo que diz respeito à sua própria história, à sua posição e reposição subjetiva e, assim, mais aberta e integrada à escola e às crianças.

Segundo Imbert (2001), a empreitada pedagógica está essencialmente atravessada por uma dimensão moral, que não se limita à aplicação de regras normativas, mas diz respeito ao processo de constituição do sujeito como parte de um coletivo. Nesse horizonte, ele diferencia dois modos de agir: a poiesis e a práxis. A primeira, refere-se à execução de uma obra com fim determinado; a segunda é uma ação aberta, marcada pela possibilidade do erro, da



incompletude e da transformação. Essa distinção é essencial para compreender o caráter específico do ato educativo.

A *práxis*, assim, permite reconhecer que o ato educativo ultrapassa a lógica da produção, aproximando-se do campo da ética. Significa dizer, tal como mostra o filme, que a educação vai além da aplicação de uma técnica, mas implica um encontro afetivo marcado por impasses e transformações mútuas. O educador não é o detentor absoluto do saber, nem tem controle sobre a dinâmica deste encontro, não consegue prever as suas nuances e nem o sentido da sua direção (Imbert, 2001). Como sujeito, ele encontra-se igualmente implicado e arrebatado pela dialogicidade do processo formativo. Por isso, é possível dizer com Freud (1925), que educar é um risco e que a tarefa de educar exige o reconhecimento do vazio e do erro como dimensões constitutivas da experiência.

Assim, constata-se através de Freud (1925) que ao lado do ofício analítico, governar e educar são profissões impossíveis. Porque são atividades em que, mesmo com dedicação intensa, os resultados nunca são totalmente previsíveis ou garantidos. Nessas práticas, o sujeito escapa ao controle, e a eficácia da ação está sempre atravessada pela subjetividade, pelo inconsciente e pela resistência. Assim, tanto o analista quanto o educador precisam sustentar um compromisso ético com sua prática, reconhecendo a incompletude e abrindo-se à falha como parte constituinte do processo.

A análise do filme *Leo* permite compreender que a educação não se sustenta somente com eficácia técnica, mas antes de tudo com a disponibilidade ética do adulto diante da imprevisibilidade do outro. Sustentar o "impossível", como propõe Freud, requer seguir comprometido com o vínculo, mesmo sem garantias. *Leo*, ao escutar sem julgar, ao errar e se implicar, corporifica essa ética da presença que falta à pedagogia quando estas se tornam exclusivamente normativas e pretensamente controladoras. *Leo* nos ensina que educar e escutar não é dominar o outro, mas suportar sua alteridade. Ao lidar com o impossível, o personagem mostra que o vínculo é mais potente que a norma, e que estar com o outro, mesmo sem garantias, é o que funda a experiência ética da *práxis*.

Conclusão



Leo realiza, sem pretensões pedagógicas, algo essencial à *práxis* educativa: sustenta um lugar de escuta e de cuidado, como quem se arrisca na presença. Esse gesto, desloca a lógica de saber-poder que frequentemente estrutura a relação pedagógica, abrindo espaço para a criação de um laço de confiança e cumplicidade. Ademais, o filme nos mostra que ao adulto não cabe tão-somente escutar a criança no afã de atender às suas demandas. Por ser alguém que chegou antes, estando, por isso, marcado pela experiência, é capaz de falar à criança; inclusive, é desejável que o faça. O professor é aquele que professa, é aquele que tem algo a dizer, mesmo sem qualquer garantia de que seja obedecido, o que definitivamente não significa que não tenha sido escutado.

O filme, ao deslocar a lógica da autoridade baseada na imposição, aponta para a possibilidade de uma autoridade sustentada pela implicação, pela escuta e pelo reconhecimento da incompletude de ambos, do professor e do aluno, do adulto e da criança. Nesse sentido, *Leo* é uma alegoria sensível da *práxis* educativa enquanto experiência ética e transformadora.

Palavras-chave: Psicanálise; Educação; Práxis; Escuta; Vínculo;

Referências

ARENDT, Hannah. **Que é autoridade?**. In: ARENDT, Hannah. 1906-1975. Entre o passado e o futuro. Tradução: Mauro W. Barbosa. São Paulo. 8. ed. 2016.

FREUD, Sigmund. **Prefácio a juventude desorientada, de Aichhorn**. In: FREUD, Sigmund. O Ego e o Id e Outros Trabalhos. 1923-1925. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Edição Standard Brasileira. Traduzido do alemão e do inglês sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

IMBERT, Francis. **Da moral à ética**. In: IMBERT, Francis. A questão da ética no campo educativo. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ. Vozes. 2001.

LEO. Direção: Robert Marianetti; Robert Smigel; David Wachtenheim. Estados Unidos: Happy Madison Productions; Netflix, 2023. Filme (106 min). Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/81218917>. Acesso em: 26 jul. 2025.

UNITED STATES. National Park Service. **Everglades National Park**. Last updated: 14 Aug. 2025. Disponível em: <https://www.nps.gov/ever/index.htm>. Acesso em: 15 ago. 2025.